

Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA



OUTUBRO . NOVEMBRO. DEZEMBRO DE 1976

BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Seminário de Aveiro

Telef.: 034 - 22172

Condições de assinatura anual:

Via Normal:

Continente, Ilhas e Espanha . 60\$00

Outros países 90\$00

Via Aérea:

Estrangeiro 120\$00

Número avulso 20\$00

3

Outubro - Novembro - Dezembro 1976

Abertura

Reflexões sobre as «Colectas do Advento» — *M. Pedrosa Ribeiro*

Celebração profana e litúrgica — *J. Carlos*

Celebração litúrgica e dimensão transcendente do homem — *J. Policarpo*

A celebração litúrgica na vida da Igreja — *L. Ribeiro*

Celebração litúrgica e participação — *J. Ferreira*

SITUAÇÕES PASTORAIS

Sugestões para valorizar o acto penitencial — *Luciano Guerra*

O salmo responsorial — *Músicas de A. Santos, M. Faria e M. Luís*

NOTICIÁRIO

II Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica

Liturgia das Horas

Composto e Impresso na «Gráfica de Coimbra»

De 20 a 24 de Setembro, p. p., realizou-se em Fátima o II Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica. Foi uma surpresa e uma alegria o interesse que o Encontro suscitou, a julgar pelo inesperado número de participantes e pela maneira como decorreu, apesar das várias deficiências, resultantes sobretudo desse mesmo número não previsível. Para quem fosse tentado a crer que assuntos de Liturgia já estavam um pouco ultrapassados, constituiu ele encorajamento oportuno. De facto, a educação da fé e das suas expressões, entre as quais a Liturgia não ocupa certamente o último lugar, é caminho que nunca está definitivamente aprendido. Renascem os problemas como nascem as pessoas, pois cada geração é chamada a calcorrear os caminhos que as anteriores já percorreram ou deviam ter percorrido. Também na Liturgia!

Foi particularmente esclarecedor verificar que os problemas de Pastoral Litúrgica consistem, grande parte das vezes, por assim dizer, em descobrir o chão que se tem debaixo dos pés e o mundo que se traz nas próprias mãos. O encontro pareceu confirmar tais comparações. Quantas vezes se não aglomeram problemas em volta da Liturgia, quando o maior será simplesmente descobrir a Liturgia! É sempre cheia de encantos a descoberta que se pode fazer da Celebração, no seu sentido global e em cada um dos seus elementos.

Visto que a Liturgia são, em concreto, as várias celebrações litúrgicas, cada uma delas, no conjunto de todos os elementos que a integram — palavra, canto, gesto, etc. — a Liturgia é essencialmente acção; celebrá-la é fazê-la. Isto supõe uma iniciação,

depois um aprofundamento constante, uma consciência esclarecida, uma participação activa, interior e exterior, da parte de uma assembleia capaz de contemplar as maravilhas de Deus, de as proclamar celebrando-as, de as actualizar, vivendo-as.

Em ordem a tal aprofundamento, o tema do Encontro foi precisamente a Celebração. Julgamos fazer eco oportuno aos trabalhos do Encontro publicando hoje o resumo desses trabalhos. Mais talvez do que de resumos, trata-se antes de um apontamento sobre cada um dos diversos temas então tratados, feito aliás pelos próprios conferencistas do Encontro. Dada a limitação do espaço disponível, os trabalhos referentes à música e ao canto serão publicados no número seguinte.

Na segunda parte do Boletim, a que o Sumário chama Sugestões Pastorais, continuam a ser apresentados elementos directamente utilizáveis na celebração, na intenção de, por um lado, ir ao encontro das necessidades concretas das comunidades, e, por outro, de ajudar a uma formação de critérios. Assim, e pela última vez, se apresentam algumas Sugestões para valorizar o acto penitencial, (repare-se que se trata de Sugestões!), e melodias para O salmo responsorial, mas agora para cada um dos Domingos do Advento e para a Solenidade do Natal do Ano C. Esta secção de O Salmo responsorial é para continuar.

O Noticiário do costume põe ao corrente de alguns dos últimos acontecimentos no campo da Pastoral Litúrgica.

REFLEXÕES SOBRE AS

«*COLECTAS DO ADVENTO*»

A liturgia é o lugar onde as relações do homem com Deus se tornam vivas, significantes e de uma densidade profunda. Ela assume os diversos aspectos do «mistério» cristão: recordação-celebração do acontecimento salvífico, experiência de fraternidade, de comunhão, desejo de justiça, de amor e de paz. Ela deve exprimir, no hoje da história, todas estas dimensões do «mistério» cristão, não apenas através de gestos e de sinais significantes, mas também através de uma linguagem que seja significativa para o homem de hoje e ao mesmo tempo expressão da sua vida real.

A renovação litúrgica e a introdução das línguas vivas na liturgia vieram tornar mais claros os limites e a pobreza dos textos litúrgicos e abriram o caminho para uma revisão dos formulários da oração litúrgica. Esta revisão incidiu particularmente sobre as orações ditas «presidenciais» (Colectas, Orações sobre as oblatas, Orações depois da comunhão, Prefácios, etc.), como atesta o novo missal romano (Missal de Paulo VI). Uma maior variedade de textos litúrgicos é assim proposta à oração de toda a Igreja.

Enquanto que o antigo missal romano continha, para o tempo litúrgico do Advento, um conjunto de 13 colectas apenas (uma para cada um dos quatro domingos do Advento, que se repetiam sucessivamente em todas as missas feriais, e mais nove para as missas de quarta-feira, sexta-feira e sábado das Têmporas), o novo missal apresenta um conjunto de 29 colectas (uma para cada um dos quatro domingos, uma outra própria para cada uma das 6 missas das três semanas do Advento até 16 de Dezembro, e, finalmente, uma para cada missa ferial de 17 a 24 de Dezembro de manhã). Desta multiplicação de textos litúrgicos, resultam sem dúvida uma maior variedade de escolha e um elemento de novidade, pois que a mesma oração nunca se repete.

1. Aspecto histórico das «Colectas do Advento»

Das orações «Colectas» que constituem actualmente o tempo do Advento, nenhuma é nova. Todas elas provêm do antigo missal ou

dos antigos sacramentários romanos. Com efeito, os redactores destas orações não se contentaram em salvaguardar o que o antigo missal continha de melhor, mas esforçaram-se por aperfeiçoar os textos nele já existentes e por tornar o novo missal aberto a toda a tradição litúrgica contida nos sacramentários. Chegaram mesmo a introduzir retoques mais ou menos significativos, donde resulta que algumas orações apareçam profundamente modificadas em relação ao texto original.

Das 29 orações «Colectas» actuais, só um pequeno número provém do antigo missal romano (missal tridentino): 8 orações. A maior parte foi extraída dos antigos sacramentários romanos: Sacramentário Gelasiano (8 Colectas), Sacramentário Ambrosiano de Bérgamo (2 Colectas) e, em particular, Sacramentário de Verona (Rotulus de Ravena) que foi o mais abundantemente utilizado (11 Colectas).

Esta evolução, relativamente ao antigo missal romano, não se verifica, no entanto, apenas no sentido de uma multiplicação de textos, mas também no sentido de um enriquecimento do conteúdo deste tempo litúrgico do Advento. No novo missal, o aspecto de «vinda» é mais claro e mais denso. Se bem que o Advento não perca o seu carácter de preparação para o Natal, aparece mais vincadamente como tempo da expectativa e da esperança cristã: os fiéis caminham ao encontro do Senhor que vem.

Tratando-se de textos profundamente modificados, em certos casos, é de ter em conta o cuidado e o esforço dispendidos pelos redactores para que estas orações fossem ao mesmo tempo um aprofundamento do imenso tesouro eucológico da tradição litúrgica e uma abertura maior ao presente da Igreja e do Mundo. Nesta intenção, eles procuraram pôr de parte um vocabulário que manifestava um juízo demasiado negativo das realidades terrestres e introduzir alguns temas que estão hoje no centro da reflexão cristã e são fundamentais na liturgia do Advento, tais como a escatologia, a libertação, a nova criação e a alegria na espera do Senhor.

2. As Colectas do Advento, simples «curiosidade arqueológica» sem significado para o homem de hoje?

Estas orações propostas hoje à oração da Igreja reflectem as orações das antigas liturgias locais, recolhidas nos antigos sacramentários dos séculos VI-VIII, e testemunham a riqueza e a fecunda actividade da fé e da oração da Igreja na tradição.

Produzidos num contexto sócio-cultural determinado, são estes textos litúrgicos exorcizados do peso do seu passado?

A liturgia é, na verdade, a acção do Povo de Deus que celebra a salvação na história. Nesta acção, a expressão da fé e a cultura estão intimamente conexas. Como é que estes textos, que reflectem quase integralmente textos tão antigos e que não podem ser totalmente isentos das marcas culturais da época e da região em que nasceram, podem ter em conta o contexto sócio-cultural de cada Igreja local que os utiliza na sua oração litúrgica?

As comunidades cristãs que produziram estes textos eram, sem dúvida, diferentes das comunidades que hoje deles se servem para celebrar a liturgia. Afirmar, porém, que tais textos, por serem produto de uma cultura passageira, não passam de vestígio de um fenómeno sócio-cultural do passado ou de uma simples «curiosidade arqueológica» e, por conseguinte, nada significam para o homem de hoje, seria uma conclusão precipitada e gratuita. Com efeito, na medida em que exprimem e testemunham a experiência de oração da Igreja num momento da sua história, já são significantes.

A Igreja precisa, sem dúvida, de renovar-se constantemente na sua liturgia para ser fiel ao homem, sem deixar de ser fiel à Revelação de Deus. Mas esta renovação não se opera apenas pela improvisação ou criação de textos litúrgicos novos. A leitura ou proclamação de textos que nos precedem supõe uma capacidade de os reproduzir, re-actualizar, isto é, re-criar sem se deixar cair numa reprodução material ou maquinal ou num puro «consumo» desses mesmos textos. Saber recriar, ler ou ouvir uma palavra que nos precede é importante e supõe já muita criatividade, pois que nós somos sempre precedidos pela palavra.

3. Vocabulário religioso das Colectas do Advento

A Colecta é essencialmente uma oração de petição que se traduz num vai-e-vem entre o homem e Deus: o homem que pede e Deus que comunica ao homem o bem desejado.

O homem aparece, nestas orações, como um ser situado no mundo e sujeito a um certo número de provações que tem de vencer para poder entrar na posse definitiva do Reino. É um ser que vive relacionado com os outros, com o Outro. Tudo lhe vem de Deus. Esta existência do homem em Deus contém uma dimensão escatológica; o homem caminha ao encontro do Senhor e o encontro definitivo com Ele é a entrada no Reino. Para realizar esta caminhada pelo meio das dificul-

dades e provações, o homem tem necessidade de um «bem» que se traduz muitas vezes num «poder».

É Deus quem comunica ao homem o bem desejado ou o poder de que ele tem necessidade. Nestas orações, Deus aparece na sua tripla imagem de Pai, Filho e Espírito.

O Pai é Aquele que tudo pode, o onnipotente, Aquele que é poderoso, antes de mais, no Seu amor. Com efeito, Ele não é somente Aquele que pode dar os bens ao homem, mas também Aquele que lhe comunica o poder para acolher ou receber esses bens.

Jesus Cristo, o Filho Unigénito, constitui o centro de todo o mistério do Advento: Cristo que vem, Cristo que é esperado é a novidade última de toda a esperança. Ele é, na verdade, Aquele que, enquanto Filho, possui já em plenitude tudo o que o homem pode acolher ou esperar de Deus. Tendo vindo habitar para sempre no meio de nós, tudo o que Ele possui no-lo comunica e assim nos tornamos uma nova criatura no Filho. Jesus Cristo é, assim, Aquele que restaura a ordem original da criação: o homem decaído e abandonado ao poder da morte (colecta de 22 de Dezembro) é liberto por Cristo da «antiga escravidão» (18 de Dez.), é renovado, tornado verdadeiramente livre para amar. Cristo é, assim, a nossa esperança, a meta da nossa esperança.

O Espírito Santo é o grande ausente destas orações: apenas uma O menciona, na sua função de fecundador. Nunca aparece na sua acção de inspirador do agir humano. Não deixa de surpreender esta ausência do Espírito, tanto mais que a sua acção se torna cada vez mais evidente e fundamental no dinamismo da vida moderna, e, neste caso particular, na dimensão escatológica da vida cristã.

Maria desempenha um papel capital nestas orações do Advento, pois ela soube esperar e acolher no seu seio o Verbo de Deus. Maria foi aquela que, no povo de Israel, soube incarnar em si mesma a esperança individual e colectiva do Messias prometido. Neste sentido, ela é o símbolo e o modelo de toda a esperança cristã.

4. Advento: tempo de esperança cristã

A vinda de Cristo ao mundo constitui o acontecimento central da história humana. Nas orações do Advento, esta vinda de Cristo revela-se como um mistério em constante actualização ou realização: por isso, a atenção do cristão volta-se necessariamente para a sua realização futura, definitiva.

Estes textos litúrgicos acentuam, na verdade, a perspectiva escatológica da existência cristã: o encontro de Deus com o Seu povo, a inauguração do reinado de Cristo no mundo. Este encontro definitivo do homem com Deus ainda não se realizou: o reino de Deus ainda não se revelou em toda a sua plenitude.

A perspectiva escatológica não constitui «um» dos elementos componentes da esperança cristã, mas a sua característica dominante, qual aurora da manhã que enche de cor todas as coisas. A esperança cristã significa, de facto, transformação do presente, movimento para a frente. Este é o conteúdo, o apelo da esperança que o tempo do Advento nos revela.

Face a esta mensagem do Advento, o cristão não pode ficar passivo ou inactivo: a esperança que envolve toda a criação põe-no em marcha para «ir corajosamente ao encontro de Cristo pelos caminhos da justiça» (I domingo). A esperança cristã não é alienação, nem significa evasão ou fuga deste mundo, demissão diante das responsabilidades humanas. Ela insiste em que «a actividade deste mundo não seja obstáculo ao nosso caminhar ao encontro» do Senhor (II domingo), isto é, não nos impeça de viver esta tensão para Deus. A espera de Cristo que vem na sua glória dá um «espírito vigilante» à nossa caminhada, isto é, dá-lhe verdadeiro sentido: assim, «iremos ao seu encontro com as lâmpadas da fé e do amor bem acesas» (sexta-feira da II semana).

As nossas actividades humanas fazem, portanto, parte integrante da salvação que nós esperamos, porque Jesus Cristo, nossa esperança, já está presente no meio de nós. As orações «Colectas» do Advento fazem, assim, ressaltar esta perpétua tensão da vida cristã, que se manifesta na bipolaridade do «já» e do «ainda não».

Todo o cristão, ao rezar estas orações, olha ao mesmo tempo para o Natal e para a Parusia. Os temas da alegria, da libertação, da renovação, da comunhão divina, do acolhimento do Senhor, expressos nestas orações, acentuam o modo como os tempos escatológicos já começaram: a vida nova prometida não é para alcançar num além, mas está já presente em Cristo e é já comunicada por Cristo que está presente no meio de nós. Todavia, esta vida nova só se revelará em toda a sua plenitude no momento da entrada definitiva no Reino, a partir do momento em que nada se oporá ou se interporá à comunhão do homem com Deus.

M. PEDROSA RIBEIRO

Celebração profana e litúrgica

Aspectos sociológicos

Os homens de todos os tempos sempre realizaram na vida os mesmos actos básicos: manter e proteger a própria existência através da comida, do vestuário, da habitação; cuidar da saúde, reproduzir a vida, educar as novas gerações, distrair-se, cultivar-se, organizar a vida social e cumprir deveres religiosos. Destas tarefas básicas têm surgido as formas diversas de os homens se organizarem em sociedades, de forma a mais facilmente atingirem os fins comuns. O mais importante não consiste, porém, em estudar todas as actividades do homem, mas sim o *modo* como ele as realiza em cada época da história e em cada espaço geográfico em que se encontre.

A repetição dos mesmos gestos durante gerações cria hábitos que determinam uma «cultura», porque provocam modos comuns de pensar, de sentir, e de agir que envolvem toda a vida humana.

Nos períodos de tranquilidade social, política e económica, estes hábitos têm um significado que se vai transmitindo de geração em geração, sem criarem problemas de maior.

Mas o mundo tem conhecido viragens mais ou menos profundas, que exigem a revisão dos gestos e hábitos que podem, porventura, ter perdido o significado original e já não corresponder aos novos modelos de vida que foram surgindo. O que é preciso reter é que os homens, de qualquer modo, sempre sentiram a necessidade de fazer celebrações, com ou sem carácter religioso. É assim que as pessoas celebram aniversários, vitórias nas guerras, acontecimentos regionais ou nacionais e tantos outros momentos importantes da vida.

As modificações que se operam no *modo* como esses acontecimentos são celebrados, podem observar-se por três prismas diferentes com consequências também diversas:

- a) Alguém, apercebendo-se de que os gestos e hábitos já perderam o sentido original, decide modificar a celebração e introduz fórmulas novas. Por norma, este modo de proceder não consegue bom acolhimento por parte do público interessado porque este processo não é suficiente para criar *atitudes* diferentes. Por *atitude* entende-se aqui a disposição ou dinamismo pessoal que orienta positiva ou negativamente o comportamento em relação a um objecto psico-social.

Sem a criação de *atitudes*, dificilmente será aceite, ou pelo menos, assumida qualquer modificação que se pretende introduzir.

- b) Alguém, apercebendo-se de que os gestos e hábitos usados não correspondem ao momento presente que se vive, provoca a reflexão, convida ao estudo, propõe formas novas, explica a transformação e sua razão de ser, faz experiências. Neste caso, há muita probabilidade da transformação ser assumida por todos, por ela poder corresponder mais facilmente aos novos modelos de vida.
- c) As pessoas interessadas, desafectas dos gestos e hábitos que aprenderam por tradição mas que já não lhes correspondem, ensaiam novas formas, exprimem-se através de outros gestos mais significativos para elas, e organizam novos tipos de celebração.

Este último processo é o que contém mais hipóteses de autenticidade por ser o mais capaz de corresponder às mudanças operadas na «cultura» de determinado período histórico.

Tudo o que acaba de ser dito assume particular importância nos períodos históricos de forte transição como aquele que vivemos. A confusão em que o homem se sente mergulhado agudiza algumas carências e faz sobressair determinados anseios, que é indispensável ter muito presentes, também nas celebrações, quer elas sejam profanas ou religiosas. Assinalamos algumas dessas carências, por considerarmos que o seu grau de consciência tem vindo a crescer nos últimos tempos:

- necessidade de pertença
- necessidade de ser aceite

- necessidade de partilhar
- necessidade de ter valores comuns
- necessidade de ser protegido e identificado.

A transposição destes anseios (que marcam profundamente a «cultura» e exigem *atitudes* novas e diferentes) para as celebrações leva-nos à enumeração de algumas condições básicas a que deve obedecer qualquer celebração e, portanto, também a celebração litúrgica:

1 — *A língua*. Não basta falar gramaticalmente uma língua para se ser entendido; é necessário saber falá-la culturalmente, isto é, usar as palavras com o sentido que as pessoas lhes dão, conforme o lugar, o sexo, a classe. Um outro problema ligado com a língua é o que se refere aos *símbolos*. Cada cultura tem os seus símbolos no falar, no gesticular, no vestir, nas relações sociais, etc..

2 — *Visão do mundo*. Os grupos sociais encontram-se em celebrações profanas as mais variadas, consoante a visão de vida que nelas apareça.

Em qualquer celebração, o que tem uma importância decisiva para uns não passa de acessório para outros, quando não se torna em motivo de hostilidade.

3 — *Modelos de comportamento*. Cada cultura pode ser defendida como uma regra do jogo social. Os modelos de comportamento têm uma importância primordial, por permitirem a interacção social. Alguns são simples usos ou costumes, mas outros fazem parte do modo profundo de ser e de sentir de grupos de pessoas.

4 — *Valores sociais e sua hierarquia*. Cada sociedade, para funcionar, impõe aos seus membros a estima por valores mais essenciais. Quando a sociedade é mais ou menos homogénea, não se levantam grandes dificuldades. Já o mesmo se não pode dizer das sociedades heterogéneas, o que tem levado ao aparecimento de «experiências» novas na procura de correspondência aos novos modelos culturais que têm aparecido.

Podemos terminar dizendo que toda a celebração deve ser uma FESTA. Sem este sentido, dificilmente a celebração pode adquirir significado válido. A vida está cheia de preocupações e de aspectos muito sérios. Alguém poderá pensar que esta situação se opõe à noção de festa. Mas, quanto mais pesada é a vida do conjunto dos homens, maior é a necessidade de celebrar a festa, quando esta consegue entrar fundo dentro do homem, por encontrar os modos aptos de corresponder aos seus mais profundos anseios.

J. CARLOS

CELEBRAÇÃO LITÚRGICA E DIMENSÃO TRANSCENDENTE DO HOMEM

Um dos problemas do homem moderno é a perda progressiva do sentido da transcendência. O homem nosso contemporâneo não sabe integrar na vida do dia a dia a dimensão transcendente, tem medo dela, relativiza-a, esquece-a, mas não a destrói. Não sabe fazer a ponte entre a sua realidade e o transcendente que lhe escapa.

São várias as concretizações deste problema na vida do homem moderno: a barreira que existe entre duas dimensões de si mesmo, a que ele domina pela consciência e pela liberdade, e a que lhe escapa, esbatendo-se no seu próprio mistério; a separação e a tensão entre o presente e o passado, como fazer uma justa relação à história e às origens do homem e do mundo; a relação entre o presente e o futuro, como integrar o futuro pendente, como sofrer a morte e aguentar a incógnita do pós-morte. Estas diversas tensões fazem com que o homem se sinta muitas vezes dividido entre o ser e o não ser.

Estes problemas têm o seu correspondente religioso e sacral na vida dos cristãos. Para o cristão trata-se de vencer a distância — o realizar a proximidade — entre a realidade presente e o mistério de Cristo; trata-se de vencer a distância entre o presente da fé e o passado de Cristo e o nosso futuro com Cristo. Para o crente a relação à história passada da salvação, aos factos, às palavras de Cristo é essencial e carregada de sentido. Reduzir a relação com Cristo à união mística presente ou à expectativa escatológica é privar de algo o realismo da vida cristã. É igualmente importante vencer a distância entre o nosso presente de crentes e o nosso futuro com Cristo, porque a fé exige a objectivação da esperança.

Frente a estes problemas perguntamos: qual o lugar das Celebrações Litúrgicas neste vencer das distâncias que separam o homem das dimensões transcendentais da sua existência?

Para resolver este problema, a dois meios recorreram, através dos séculos, as religiões e mesmo as culturas: a *palavra* e o *rito*. O cristianismo, como religião que gera e exige uma experiência de vida, introduziu um novo elemento como caminho de síntese: a *praxis*.

Entre a palavra e o rito existem tensão e complementaridade. Pela palavra o homem busca a compreensão e a inteligência das coisas; tenta resolver aquelas distâncias, vencendo-as pela compreensão. A verdade torna-se pensamento e conclusão, a religião torna-se doutrina. Por sua vez, no rito há o primado do símbolo. É outra a dinâmica da compreensão. O rito leva o homem, mais do que a explicar o mistério, a abandonar-se a ele, a entrar nele com a totalidade do seu ser, a buscar a inteligibilidade pela experiência. Mais do que ciência, a experiência do rito gera uma sabedoria. Acontece com os ritos algo do que acontece com a natureza, à qual vão buscar grande parte dos seus símbolos: ambos envolvem o homem.

Mas dá-se uma interpenetração entre a Palavra e o Rito. É que a palavra é símbolo. Deus serviu-se dela para introduzir o homem no mistério; é por isso que ela tem lugar no rito. Na Bíblia a palavra é gesto criador, é acontecimento salvífico, é Pessoa, é Vida.

Nas celebrações cristãs estes dois elementos, a palavra e o rito, cruzam-se e completam-se. Na celebração litúrgica deve haver um equilíbrio entre a palavra e o símbolo, porque as suas mútuas significações são interdependentes. Não se trata de justapor o que significam a palavra e o rito: há uma única significação, a da celebração. É evidente que tem de haver uma harmonia entre a palavra e o rito. Muitas vezes a linguagem usada nas celebrações não se harmoniza com os gestos e os símbolos, criando a desarmonia e a falta de unidade.

A tensão entre estas duas ordens de realidades sente-se hoje em diversos sectores da vida da Igreja. Cito dois, a título de exemplo: a evangelização e a reforma litúrgica. Na evangelização põe-se o dilema: dar primazia à compreensão da mensagem, ao anúncio explícito da doutrina, da teoria, ou valorizar o poder evangelizador dos ritos e das celebrações? E não estará a nossa actual reforma litúrgica demasiadamente assente sobre a preocupação da compreensão racional, caindo num empobrecimento de elementos simbólicos?

Porque as celebrações cristãs devem ser a síntese harmoniosa entre a palavra e o rito, elas são o momento privilegiado para o cristão vencer, em comunidade, a distância que o separa do transcendente. Nelas o cristão encontra a síntese entre o Cristo da história e o Cristo da fé. Toca-se, aqui, no mistério da história e na perenidade viva de um acontecimento passado, o acontecimento pascal. Ele não ficou

inerte, perdido no tempo. Ele é presente em cada momento da história e faz a união de todos os tempos depois dele. O rito é o elemento que nos põe em contacto com essa vitalidade presente do passado. Cada celebração encerra em si o mistério da Tradição.

É ainda a celebração que permite o vencer a distância entre o presente da fé e o futuro com Cristo, levando-me a tocar esse futuro. A celebração objectiva a esperança, porque torna presente o futuro. Em que consiste essa antecipação do futuro? Será que algo do que nos é já dado viver é realidade definitiva para o Reino escatológico?

Nada neste mundo é definitivo, nem a fé, nem a liberdade, nem os sacramentos, nem a alegria, nem o amor. Só Cristo é definitivo, só Ele atingiu o *eschaton*, só Ele realizou plena e definitivamente o desígnio de Deus. As celebrações fazem-nos tocar e viver as realidades escatológicas enquanto nos dão Cristo, nos põem em comunhão com Cristo. É essa experiência de comunhão com Cristo que cria a tensão escatológica, isto é, o desejo da plenitude total e definitiva. Só a união com Cristo é para nós a antecipação do Reino. É enquanto nos dá Cristo que a Liturgia antecipa os últimos tempos.

As Celebrações Litúrgicas são dom de Deus, a permitirem a comunhão entre Deus e o homem. O mistério de Deus não se atinge, apenas, pensando. Atinge-se pelo abandono total do homem ao seu mistério, e as celebrações, onde os símbolos funcionam com a sua capacidade envolvente, são o caminho para esse abandono. O homem moderno pensa demais e celebra de menos; não estará aí a causa de tantas das suas angústias?

J. POLICARPO

A celebração litúrgica na vida da Igreja

Uma das manifestações da vitalidade da Igreja é a sua capacidade de renovação frente a um mundo em constante mutação. Que essa renovação atinja também a liturgia é um facto que não pode surpreender ninguém, pois que ela constitui a própria vida da Igreja.

João XIII afirmou, na abertura do Concílio, que «o nosso dever não é somente conservar o precioso tesouro, como se a nossa tarefa não dissesse respeito senão ao passado. É necessário que mesmo o que é imutável seja estudado e apresentado segundo as necessidades do nosso tempo».

Que esta linguagem visa também a liturgia pode ver-se no n.º 1 da Constituição sobre a Sagrada Liturgia: «O Sagrado Concílio, propondo-se fazer progredir cada vez mais a vida cristã dos fiéis e adaptar às necessidades da nossa época as instituições susceptíveis de mudanças..., deseja de modo particular cuidar da reforma e desenvolvimento da liturgia».

Um dos maiores valores conseguidos pela renovação conciliar foi sem dúvida a participação activa dos fiéis na celebração litúrgica, especialmente na Eucaristia. A participação activa, plena e consciente, exigida pela própria natureza da liturgia, hoje já não é um simples desejo da Igreja, mas uma realidade posta em prática nas várias comunidades cristãs. Há, entretanto, que continuar o caminho iniciado, facilitando aos cristãos uma compreensão mais profunda para uma mais consciente participação.

As lições do passado

Para compreender o alcance e a profundidade desta renovação litúrgica convém situá-la historicamente nessa corrente ininterrupta de vida, comparando-a com a espontaneidade das celebrações dos primeiros cristãos, a criatividade litúrgica dos primeiros séculos, a reli-

giosidade medieval, o devocionalismo moderno, a reforma tridentina e a mentalidade rubricista dos últimos séculos.

É necessário conhecer as lições do passado para compreender a importância da reforma presente em ordem à renovação das nossas celebrações e à participação de toda a assembleia. Nunca é demais debruçar-nos sobre as fontes da liturgia para fazer uma ideia mais exacta da Tradição viva que nos vem de Cristo e dos Apóstolos, onde o povo de Deus tem alimentado a sua fé ao longo de vinte séculos.

O II Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica ao tratar o tema da «Celebração» teve em conta estes aspectos históricos. É que olhando a história, adquire-se uma melhor compreensão do que é a celebração litúrgica e de como os fiéis nela podem e devem participar de pleno direito. Percorrendo a história, vemos que é fundamental à celebração litúrgica a sua dimensão comunitária. Ainda nas épocas de maior crise, a participação comunitária não deixou de ser suscitada pelos pastores e realizada pelo povo de Deus.

Com a reforma do Vaticano II podemos hoje ver coroados muitos dos esforços positivos de épocas precedentes e afastados muitos aspectos negativos que ocultavam o mistério da salvação e impediam a participação plena e activa do povo de Deus.

Percorrendo a história da celebração litúrgica, damo-nos conta da riqueza e simplicidade das primeiras assembleias, da solenidade das celebrações romanas, da liturgia clericalizada da Idade Média, da exuberância festiva do barroco e da mentalidade rubricista dos últimos tempos.

Apesar de muitos aspectos sombrios ao longo de todos estes séculos, temos de reconhecer o esforço de muitos pastores e monges que procuraram fazer compreender e tornar mais acessível a liturgia da Igreja favorecendo uma maior participação na acção comum. Assim, a participação comunitária na missa dominical da paróquia foi um dos empenhos pastorais mais sentidos durante muitos séculos. Os próprios monges deixavam o seu convento para participarem na missa da catedral ou da paróquia, animando a celebração litúrgica de toda a comunidade eclesial. É que se tinha bem presente a importância da reunião de toda a Igreja local e o papel de animação que nela podiam desempenhar os membros mais conscientes e activos.

Tal sentido vai enfraquecendo com o decorrer do tempo e a participação comunitária vai-se tornando cada vez mais reduzida. Quebrando-se a relação entre a celebração litúrgica e a comunidade cristã, começa a multiplicação de oratórios e altares, de missas votivas e privadas para satisfazer a piedade e devoção particular dos fiéis.

Um dos grandes obstáculos a uma participação activa e comunitária era o facto de a liturgia ser celebrada numa língua estranha ao povo. E ainda que se continuasse a falar do povo em muitas rubricas, de facto a liturgia era tarefa exclusiva dos ministros. O problema da língua é sem dúvida um dos grandes obstáculos à participação na celebração litúrgica como em toda e qualquer participação. E, no entanto, só nos nossos dias esta dificuldade foi vencida.

Assim como durante tantos séculos se não sentiu a necessidade de remover o latim como língua exclusiva e oficial, assim também ainda hoje nos não podemos dar conta de todas as vantagens trazidas à vida cristã pela adopção da língua viva na celebração litúrgica. Já podemos presenciar alguns frutos nos nossos dias, mas frutos ainda mais abundantes são de esperar a longo prazo, pois se trata de uma renovação que investe toda a vida da comunidade eclesial.

Outro grande obstáculo a uma participação verdadeiramente comunitária durante a Idade Média era constituído pelo contexto social e cultural da época. Uma sociedade dividida em suseranos e servos da gleba, em senhores e escravos, em classe alta, constituída pelo clero e pela nobreza, e classe baixa, constituída pelo povo, dificilmente poderia realizar uma comunidade fraterna à volta da Eucaristia.

A Igreja dos nossos dias vai tomando consciência de que não pode separar-se da realidade social, mas que a sua missão é ser sinal para o mundo, dividindo a sorte dos homens, em especial dos mais pobres.

Os problemas do presente

A reforma litúrgica do Vaticano II constitui não só um esforço para conservar e purificar uma herança do passado, mas ela constitui também uma porta aberta para o futuro. Os vários elementos da celebração são susceptíveis de assumir novas formas, desde que sejam progresso e desenvolvimento orgânico das que as precederam. É justo que respondamos à Palavra actual de Cristo com uma liturgia nova, igualmente actual. Só assim a liturgia deixará de ser um monumento do passado, para ser expressão do mistério de Cristo e da Igreja no momento presente ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Cfr. S. MARSILI, *Textos litúrgicos para o homem moderno*, in: Concilium 2(1969) 46-61.

O desejo de que «se adaptem melhor às condições do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança» (SC 1), exprime claramente a componente dinâmica da própria liturgia. A renovação não se deve entender apenas como correcção de possíveis desvios, mas também como criação de novas formas adaptadas aos diferentes condicionalismos das várias comunidades eclesiais.

O uso de uma língua inteligível, a simplificação dos ritos e dos símbolos, a redescoberta da Eucaristia como banquete sacrificial da Páscoa participado em fraternidade, provoca necessariamente uma mais viva participação. Mas o problema não é só de adaptação da linguagem e dos ritos: é sobretudo de dar unidade profunda à vida humana, cristã e eclesial.

A liturgia não pode separar-se das realidades do mundo e da comunidade eclesial, antes conduz ao verdadeiro empenho no mundo e faz participar da força renovadora do Espírito. A liturgia não pode separar-se do conjunto da vida cristã, pois ela constitui a sua expressão mais densa e ao mesmo tempo a sua fonte vital.

Se nos tempos passados o cristão podia assistir de longe a uma liturgia que constituía para ele a representação de um 'mistério' como facto moralizante ou momento de distensão artístico-religiosa, hoje ele é convidado a deixar o lugar de espectador e a participar activamente, assumindo as suas responsabilidades em colaboração com os outros membros da comunidade.

A celebração litúrgica deve permanecer fiel à sua função de constituir o homem cristão e de construir a comunidade eclesial. Mas o obstáculo essencial à participação litúrgica situa-se precisamente na ruptura entre o humano e o cristão. As ciências humanas, pelo menos, obrigam-nos a medir a distância que separa o homem psíquico e sociológico do cristão convertido⁽²⁾.

Estas reflexões apontam para um mistério: o de um Deus que decidiu encontrar-Se com o homem e entregar-Se a ele. Elas devem levar-nos a reflectir até que ponto as mediações escolhidas para este encontro e para este dom correspondem à natureza profunda do homem, à sua maneira original de existir e de se relacionar. Ao mesmo tempo que esta correspondência confirma certas intuições essenciais da antropologia contemporânea, ela serve de introdução útil e necessária a um projecto equilibrado e realista de renovação litúrgica.

(2) Cfr. A. VERGOTE, *Regard du psychologue sur le symbolisme liturgique*, in: LMD 91(1967) 129-151.

A história da liturgia mostra de maneira irrefutável que de facto se realizaram inúmeras e profundas transformações: as tradições também cresceram. De um pequeno número de formas neotestamentárias, podemos apreciar um desenvolvimento contínuo, mudanças para formas mais ricas, desvios, reformas, etc.

Mas, para que se trate de uma verdadeira renovação, é necessário que a Igreja de determinada época procure, com atenção e compreensão, ler e interpretar os 'sinais dos tempos'. É necessário ter sempre presente a perspectiva sacramental, teológica, litúrgica e pastoral, mas também a perspectiva antropológica, a partir da psicologia, sociologia, pedagogia e outras ciências humanas.

Com uma renovação justa e equilibrada, a Igreja realiza-se como Igreja, isto é, como aquela comunidade de salvação à qual foi confiado o culto 'em espírito e verdade' (cfr. Jo 4, 23-24) ao longo da história dos homens. A liturgia não é algo de cristalizado. Ela é um acontecimento sempre novo, renovante e renovável: um acontecimento salvífico, único e central (cfr. SC 7), um acontecimento que supera o espaço e o tempo, mas que se desenvolve nessas coordenadas.

A salvação chega ao homem através da mediação litúrgica para promover um encontro pessoal com Deus por Cristo no Espírito. Tal encontro realiza-se, porém, através de palavras, gestos e outros elementos, que permitem a comunhão entre Deus e o homem na Igreja, comunidade de salvação.

A liturgia é essencialmente graça e instituição. Mas, ao mesmo tempo, ela é uma acção humana, que, como o próprio homem, constitui uma realidade histórica. Tem portanto um aspecto sensível, intramundano, que pode variar segundo os locais e os tempos. A comunhão entre Deus e o homem não pode realizar-se de uma maneira completamente transcendente, mas está ligada à ordem da criação com as suas dimensões espaço-temporais: está ligada à história, onde a comunhão entre Deus e o homem se realiza e cresce para a plenitude, como história da salvação ⁽³⁾.

É neste carácter histórico de toda a vida criada que radica a legitimidade de uma evolução da celebração litúrgica, claramente expressa, aliás, na história do povo de Deus, tanto da antiga como da nova Aliança.

L. RIBEIRO

⁽³⁾ Cfr. H. MEYER, *Mutabilidade e imutabilidade das formas litúrgicas*, in: *Concilium* 2(1969) 35-45.

CELEBRAÇÃO LITÚRGICA E PARTICIPAÇÃO

A liturgia é toda ela celebração. A liturgia são, em concreto, as celebrações litúrgicas. Da ideia que se fizer da celebração litúrgica nascerá, como que naturalmente, o conceito e a prática da participação de toda a assembleia e de cada um dos seus membros. Celebrar a liturgia e tomar parte nela não são, evidentemente, nem dois tempos diferentes, nem sequer a justaposição de duas actuações diversas; a liturgia é a própria acção litúrgica, que é acção de toda a assembleia, porque continua a ser verdade que «as acções litúrgicas não são acções privadas, mas celebrações da Igreja, que é o 'sacramento da unidade', isto é, o povo santo, unido e organizado sob a direcção dos bispos. Por isso, estas celebrações pertencem a todo o Corpo da Igreja» (SC 26).

Toda a celebração litúrgica supõe, em princípio, certos elementos estruturais: — 1) aquilo que é celebrado, o objecto da celebração, o *mistério*, isto é, a realidade divina, e que é, em última análise, o mistério pascal de Cristo, evocado, proclamado e tornado presente de modo sacramental, ou seja, em sinais, na acção litúrgica, para, por ela e nela, a Igreja se unir a Cristo na sua passagem para o Pai, em constante renovação de aliança; — 2) a *assembleia celebrante*, integrada por todos e cada um dos seus membros, onde «cada qual, ministro ou fiel, deve fazer tudo e só aquilo que lhe compete» (SC 28), porque, se é certo, como fica dito, que as celebrações litúrgicas «pertencem a todo o Corpo da Igreja», também é certo que elas «atingem a cada um dos membros de modo diferente, continua o Concílio, conforme a diversidade de ordens, das funções e da participação actual» (SC 26); — 3) a *acção litúrgica* com todos e cada um dos seus elementos — palavra e gesto, escuta e resposta, canto e silêncio, fé e expressão da mesma — tudo entendido e realizado na verdadeira significação de cada um destes elementos; — 4) finalmente, um clima de *festa*, não imposto de fora para dentro, mas como que nascendo da consciência profunda que se

há-de ter de que o que está em causa é celebrar a salvação como dom de Deus em Cristo, que a todos congrega na unidade, consciência esta que naturalmente se há-de exprimir também por fora, de maneira adequada.

Exigências de participação

Participar na liturgia é fazer, como ela deve ser feita, cada acção litúrgica. *Participar* é simplesmente *celebrar*, se a celebração é entendida com precisão, conscientemente assumida, oportunamente realizada.

A boa participação na liturgia requer, antes de mais, uma atitude espiritual verdadeira, para que o nosso culto seja «em espírito e verdade», tanto em relação a Deus, como em relação à Igreja, à assembleia, à comunidade de que a assembleia é sinal e manifestação.

Requer depois que se compreenda a estrutura da assembleia. A assembleia litúrgica não é apenas um grupo, como a celebração não é simplesmente um convívio. A assembleia é a imagem e sinal da própria Igreja, que é chamada «Corpo de Cristo». Assim, uma é a função da cabeça, outra a dos membros. Cristo é a Cabeça da Igreja. Na assembleia, ser sinal de Cristo enquanto Cabeça da Igreja é precisamente a função do presidente, daquele que para tal recebeu a Ordenação: bispo ou presbítero. Ele é o que preside e, como tal, a ele compete certo tipo de actuação, como formular a oração, sobretudo a oração eucarística, que só na sua boca tem pleno sentido.

Mas há outras funções ministeriais na celebração: ser leitor, salmista, portador dos dons, cantor, etc.. Desempenhar tais funções não é «encenar» a liturgia; é apenas «fazê-la» como acto de Igreja, do povo de Deus, que é uno e diversificado nos serviços que presta e nos ministérios que desempenha.

A restante assembleia dos fiéis é o Corpo de Cristo nos seus membros; a sua participação manifesta-se activamente ao longo de toda a celebração. As suas intervenções mais frequentes são as constantes *aclamações*, que entrecortam toda a acção, para não falar da escuta da Palavra de Deus e da Comunhão na Eucaristia.

A boa participação na liturgia supõe igualmente a exacta compreensão da estrutura da acção litúrgica, da função que desempenham os seus vários elementos e da importância relativa dos mesmos; supõe que se saiba encontrar a expressão própria para cada um deles: uma coisa é o canto do celebrante, outra o dos fiéis, uma coisa é o cântico de entrada, outra, o do salmo responsorial ou o do «Santo». Desta

compreensão resultará o bom *ritmo* da celebração, que não será apenas a justaposição de elementos vários, mas o desenrolar de uma ação una, como una é a assembleia na multiplicidade e variedade dos seus membros.

A participação na liturgia terá de ter tudo isto em conta. Daí que a celebração, em concreto, não pode ter um modelo absoluto a repetir pura e simplesmente. Mas também não há-de ser lugar para fantasias caprichosas e arbitrárias, nem sobretudo sem sólido fundamento. Os livros litúrgicos continuam a ser guia e garante de autenticidade na participação que todos e cada um é chamado a ter na celebração: presidente, ministros, fiéis. Antes de tudo, eles dão a chave para a compreensão de cada ação litúrgica e, consequentemente, da participação por parte da assembleia celebrante. Esta participação, tanto da parte do presidente como da dos outros membros da assembleia, não está na mera execução fria das indicações neles contidas, nem sequer na repetição material dos seus textos. Os livros litúrgicos pretendem orientar uma *ação concreta* para uma *assembleia concreta*; mas os livros litúrgicos não falam por si sós; têm de ser interrogados.

Esforços de participação

Observando como tem sido posta em prática, entre nós, a reforma litúrgica, pode concluir-se que nem sempre se terá compreendido isto. É ver como na celebração da Missa, por exemplo, é frequente começar por se valorizar o periférico e nem sempre se chegar ao essencial. Se a atenção dada à palavra tem sido notável, já a celebração da Eucaristia custa a descobrir; e, enquanto partes mais confiadas aos fiéis têm sido postas em relevo, os formulários do presidente ficam ainda muito na obscuridade. Mesmo nas intervenções dos fiéis ficou-se muitas vezes no secundário e não se chegou ao principal: o salmo responsorial, por exemplo, nunca mereceu a atenção que tem sido dispensada a outros cânticos, certamente menos importantes. E a oração eucarística, ponto culminante da celebração da Eucaristia, poucas vezes mereceu a expressão mais densa do canto, que até muitas vezes não se sabe que existe! E pode confundir-se até participação com movimentação, cânticos com concerto, festa com euforia, Eucaristia com convívio! Não dizemos isto para verberar, mas para ajudar a compreender que a celebração litúrgica é uma forma específica e inconfundível de celebrar. E que é preciso descobri-la para nela se poder participar.

J. FERREIRA

Sugestões para valorizar o acto penitencial

NOTA. Estas invocações inspiram-se geralmente nas três leituras da Liturgia da Palavra, que às vezes aproveitam mesmo bastante literalmente. Conforme escrevemos já no número anterior, estas invocações, logo a seguir à introdução geral da celebração, feita pelo presidente, seriam uma primeira manifestação da linha condutora de toda a celebração. O ideal seria aliás que o próprio presidente compusesse as invocações em harmonia com o fio condutor que achasse mais significativo para a sua assembleia.

Solenidade de Cristo Rei

1. Senhor! Vós sois o Alfa e o Ómega, o Princípio e o Fim: de Vós nascemos, para Vós caminhamos. Caminhai connosco, Senhor, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Vós sois nosso Rei, Vosso domínio é um domínio eterno que jamais passará. Recebei a vassalagem do nosso coração e tende piedade de nós.

3. Senhor! Diante de Pilatos proclamastes solenemente que o Vosso Reino não é deste mundo. Inclinaí o nosso coração para as realidades eternas e tende piedade de nós.

Primeiro Domingo do Advento

1. Senhor! Neste início do Advento, revive em nossos corações de pecadores a promessa da Vossa salvação. Sede a nossa luz... e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Ao entrevermos ao longe a estrela de Belém, agudiza-se em nós a consciência de que estamos nus e sem calor. Sede a nossa esperança... e tende piedade de nós.

3. Senhor! Meditando na promessa de libertação, temos medo de que nossos corações se tornem pesados com a intemperança, a embriaguês e as preocupações da vida. Dai-nos asas para voar até Vós... e tende piedade de nós.

Segundo Domingo do Advento

1. Senhor! Tal como outrora ao Vosso Povo, assim hoje nos convidais, pela palavra do profeta Baruch, a levantar os olhos para o Céu, revestindo-nos da Vossa justiça. Esperamos em Vós, Senhor! Tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Lavados pelas águas do baptismo, purificados pelo sofrimento, avançamos para a redenção final. Tornai-nos irrepreensíveis para o dia da Vossa vinda... e tende piedade de nós.

3. Senhor! Nós clamamos pela Vossa salvação, mas fugimos quanto podemos aos caminhos necessários da penitência. Endireitai os nossos corações tortuosos... e tende piedade de nós.

Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora

1. Senhor! Por dom misterioso do Vosso Amor, criastes-nos livres. Porque desde os nossos primeiros Pais temos usado mal a nossa liberdade, nós Vos pedimos perdão: tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Fizestes-Vos nosso Irmão — Vós que sois Deus! — no seio de uma Mulher, e nem com isso chegamos a perceber que na humildade é que se opera a salvação. Tende piedade de nós.

3. Senhor! Nós acreditamos que a liberdade de Maria se realizou plenamente no *sím* da Anunciação, mas somos incapazes de nos com-

prometer, como Ela, sem condições de tempo ou de medida. Perdoai-nos... e tende piedade de nós.

Terceiro Domingo do Advento

1. Vós que habitais no meio de nós, e sois Deus de Amor, renovai a alegria no mais fundo dos nossos corações... e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Vós, que nos exortais à oração e à súplica até que cheguem à Vossa presença os nossos pedidos, renovai a alegria no mais fundo dos nossos corações... e tende piedade de nós.

3. Senhor! Como os discípulos de João Baptista, também nós nos abrimos à Boa Nova cheios de interrogações, mas desejosos de conversão. Renovai a alegria no mais fundo dos nossos corações... e tende piedade de nós.

Quarto Domingo do Advento

1. Senhor! Vós sois Aquele a Quem esperamos uma vez mais no Natal que se aproxima. Reconduzi-nos para a Casa do Pai... e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Vós sabeis como somos difíceis em entregar-Vos o coração, mesmo quando nos fazemos benfeitores da Igreja e beneméritos dos nossos irmãos. Vinde chamar-nos para a Casa do Pai... e tende piedade de nós.

3. Senhor! O *Magnificat* de Maria, cantado no encontro com Isabel, revela-nos que a felicidade é o dom próprio daqueles que Vos acolhem. Vinde chamar-nos para a Casa do Pai... e tende piedade de nós.

Solenidade do Natal — Meia noite

1. Senhor! Como é fulgurante o brilho da Vossa Estrela, nesta noite de Belém, em todo o Universo! Nós Vos louvamos..., porque tendes piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Como é irresistível a Vossa graça, nesta noite de Belém, em todo o Universo! Nós Vos bendizemos..., porque tendes piedade de nós.

3. Senhor! Como é esplendorosa a Vossa glória, nesta noite de Belém, em todo o Universo! Nós Vos glorificamos..., porque tendes piedade de nós.

Solenidade do Natal — Dia

1. Senhor! Como são graciosos, num mundo perturbado pela guerra, os pés do mensageiro da paz! Enviai-nos a anunciar ao mundo a Vossa paz... e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Por Vós, feito Menino, quis Deus revelar ao mundo a sua salvação. Neste dia de Natal, fazei de nós mensageiros da Palavra do Pai... e tende piedade de nós.

3. Senhor! Vós sois a luz verdadeira que vem a este mundo para iluminar os homens que vivem hoje nas trevas. Inundai-nos a todos nós, que somos peregrinos da Vossa luz... e tende piedade de nós.

Festa da Sagrada Família

1. Senhor! Vós, que pela obediência Vos fizestes para nós a própria imagem do Pai, daí honra àqueles que nos transmitiram o dom da vida... e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Vós, que sois o exemplo mais acabado da fraternidade, enviai-nos a manifestar, no perdão, o amor para com nossos irmãos... e tende piedade de nós.

3. Senhor! Vós que fostes finalmente encontrado por Maria e José no templo de Jerusalém, abençoai as lágrimas de tantos pais que choram hoje por seus filhos perdidos... e tende piedade de nós.

1 de Janeiro de 1977 — Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus

1. Senhor! Nesta solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, é ainda todo o mistério amoroso da Vossa Encarnação que celebramos. Recebei a nossa acção de graças... e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Sendo Deus, quisestes nascer de uma Mulher, e fizestes-Vos obediente à Lei, para nos libertardes da escravidão do pecado. Recebei a nossa acção de graças... e tende piedade de nós.

3. Senhor! Num tempo em que tantas mulheres saem de si mesmas e se encontram de coração vazio, como é atraente a fidelidade com que Maria guardava no coração toda a palavra que ouvia acerca de seu Filho! Recebei a nossa acção de graças... e tende piedade de nós.

Solenidade da Epifania

1. Senhor! A dois mil anos da Vossa Epifania aos Magos, há ainda trevas muito densas no coração dos homens. Sede a aurora dos nossos caminhos... e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! São densas as trevas que embaraçam os nossos passos, mas é mais forte a luz que de Vós irradia! Sede a aurora dos nossos caminhos... e tende piedade de nós.

3. Senhor! No orgulho traiçoeiro de Herodes espelha-se o egoísmo de tantos homens que matam a luz no coração de seus irmãos. Sede a aurora dos nossos caminhos... e tende piedade de nós.

Festa do Baptismo do Senhor

1. Senhor! Sobre Vós, no baptismo que João Vos conferiu, se manifestou a complacência do Pai. Fazei-nos dóceis à Vossa vontade para que sejamos dignos da Vossa complacência... e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Vós fizestes-Vos pequeno a fim de poderdes anunciar a Boa nova aos pobres. Fazei que, pela graça do nosso baptismo, nos tornemos irmãos dos nossos irmãos mais pobres... e tende piedade de nós.

3. Senhor! Baptizados na água e no Espírito Santo, esquecemo-nos mesmo assim de que somos Vossos filhos, e tornamos estéril a nossa presença no mundo. Enviai sobre nós o Vosso Espírito... e tende piedade de nós.

2.º Domingo comum

1. Senhor! Tantos homens a sofrerem, em nossos dias, de abandono e solidão! Fazei raiar sobre eles a luz da Vossa Presença... e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Desesperados por não possuímos tudo o que queríamos, quantas vezes menosprezamos o carisma que nos destes para a harmonia do Vosso Corpo Místico! Dai-nos generosidade para fazermos render os nossos talentos... e tende piedade de nós.

3. Senhor! Como é encantadora a solicitude maternal de Maria, nas bodas de Caná! Dai-nos o dom de adivinhar as necessidades dos nossos irmãos... e tende piedade de nós.

3.º Domingo comum — no Oitavário da Unidade

1. Senhor! Chamados por Vós, alegres por nos sentirmos na Casa do Pai, estamos aqui para acolher a Vossa Palavra e o Vosso Pão. Recebei-nos como filhos... e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Como ramos dispersos na solidão dos montes, aqui nos congregastes para fazer uma só chama. Uni-nos como irmãos... e tende piedade de nós.

3. Senhor! A Vossa Igreja sofre de divisões graves que são espinhos cravados no Vosso Coração de Redentor. Abençoai os nossos esforços de unidade, conduzi-nos a todos às fontes do entendimento... e tende piedade de nós.

4.º Domingo comum

1. Senhor! Congregados por Vós para a meditação da Vossa Palavra, precisamos de quem no-la leia e no-la interprete. Enviai-nos profetas que não tenham medo do mundo, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Peregrinos no meio de homens que se odeiam, nós acreditamos que a lei suprema é a lei do amor. Fazei que tiremos alento do Vosso exemplo maravilhoso... e tende piedade de nós.

3. Senhor! Baptizados no Vosso espírito, instruídos no Evangelho, mesmo assim temos medo de Vos rejeitar como os Vossos contrarêneos de Nazaré. Segurai-nos na fidelidade... e tende piedade de nós.

LUCIANO GUERRA

O Salmo Responsorial

O Salmo responsorial é elemento integrante da Liturgia da Palavra. Não é somente um *cântico*; ele é um dos trechos da Palavra de Deus. S. Agostinho trata-o como uma *leitura bíblica*, um dos momentos que proclama a Palavra de Deus, ao lado das outras leituras. Substituí-lo por um cântico qualquer é solução incompatível com a sua função. Recitar o salmo sem música é empobrecê-lo e não lhe dar todo o sentido de resposta lírica à palavra proclamada na leitura.

Apresentam-se hoje os *salmos responsoriais* dos quatro Domingos do Advento do Ano C e ainda de uma missa do Natal, a da meia-noite.

Acrescenta-se ainda a *aclamação do Evangelho*, *Aleluia* e versículo, aquela com harmonização possível para três vozes iguais, este para solista ou grupo de solistas. A estrutura da aclamação sugere o seguinte modo de execução:

Solista: *Aleluia*

Assembleia e coro: *Aleluia* a vozes.

Solista: Versículo.

Assembleia e coro: *Aleluia* a vozes.

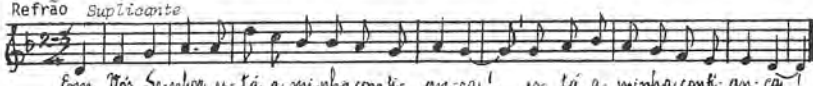
MELODIAS

Ano C

Primeiro Domingo do Advento

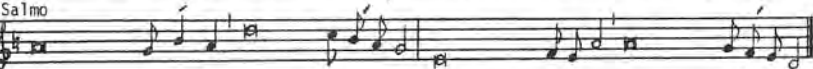
M. Luís

Refrão *Suplicante*



Em Vós, Se-nhor, es-tá a minha confi-an-ça!, es-tá a minha confi-an-ça!

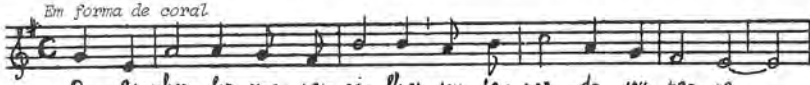
Salmo



Segundo Domingo do Advento

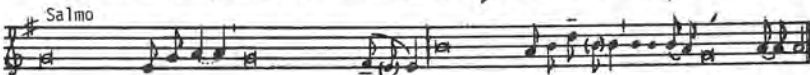
A. Santos

Em forma de coral



O Se-nhor fez ma-ra-vi-lhas em fa-zer do seu po-vo.

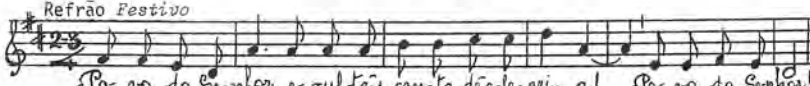
Salmo



Terceiro Domingo do Advento

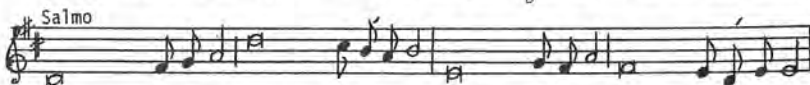
M. Luís

Refrão *Festivo*



Po-vo do Se-nhor, e-xul-ta-i-can-ta, dá-a-le-gri-a! Po-vo do Se-nhor!

Salmo



Quarto Domingo do Advento

M. Faria

Refrão



Se-nhor nos-so Deus, fa-z gir-nos vol-tar, mos-trai-nos a nos-sa fa-çô-e se-re-mos sal-vos, mos-trai-nos a nos-sa fa-çô-e se-re-mos sal-vos.

Salmo



Por-que de Ira-el, es-ou-tai, sus-tado sobre Que-ni-um res-plan-di-ci! Des-per-tai o vos-so po-der e vin-de sal-var-nos.

Solenidade do Natal

Missa da Meia Noite

M. Luís

Refrão



Ho-je nasceu o nosso Sal-va-dor Jesus Cristo Se-
nhor! Ho-je nasceu o nos-so Sal-va-dor!

Missa no Dia

Aclamação antes do Evangelho

M. Luís

Refrão



A-le-lu-ia a-le-lu-ia a-le-lu-ia
A-le-lu-ia a-le-lu-ia a-le-lu-ia

Versículo



De-a som-ti-fi-ca do pa-ra-nos a-ma-nhe-cu! Vin-
de, po-nos to-dos, a-do-rai ao Se-nhor que ho-je so-
braa ter-ra gran-de luz des-cu!

Noticiário

II ENCONTRO NACIONAL DE PASTORAL LITURGICA

Promovido pelo Secretariado Nacional de Liturgia, realizou-se no Santuário de Fátima, de 20 a 24 de Setembro, o 2.º Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica.

A participação de 330 padres, religiosas e leigos, repartidos em partes sensivelmente iguais e provenientes de todo o País, mostra bem o interesse despertado por este Encontro.

A *celebração litúrgica* constituiu a temática dos vários trabalhos apresentados por especialistas competentes.

Os aspectos sociológicos, teológicos, históricos e litúrgicos da celebração cristã foram tratados, respectivamente, pelos Padres Dr. José Carlos Silva e Sousa, Dr. José da Cruz Policarpo, Dr. Luís Ribeiro de Oliveira e José da Costa Ferreira.

Os Padres Drs. Manuel Faria, Manuel Luís e António Ferreira dos Santos desenvolveram os aspectos musicais.

No fim das conferências houve sempre colóquios em que os assistentes participaram vivamente, apresentando críticas, pedindo esclarecimentos ou fornecendo achegas.

Dois temas práticos, um de investigação bíblica e outro de construção de uma celebração dominical, eucarística ou vespertina, completaram e concretizaram os princípios teóricos tratados pelos expositores.

No último dia, foi dada uma informação pormenorizada sobre as actividades e as publicações do Secretariado, com relevo para o *Boletim de Pastoral Litúrgica* e para a edição portuguesa, já então em preparação adiantada, da *Liturgia das Horas*.

Posta à votação a realização de encontros deste género em anos futuros, foi aprovado por unanimidade o projecto de se efectuar um encontro por ano, à escala nacional, e ficou assente, por grande maioria, que tal encontro não teria um número clauso e selectivo de participantes, mas seria aberto a todas as pessoas verdadeiramente interessadas.

No final, D. João Alves encerrou o encontro, tendo palavras de justo louvor para o trabalho do Secretariado, para a colaboração dos conferentes e para o interesse, a atenção e a seriedade dos participantes.

LITURGIA DAS HORAS

Depois de aprovada pela Conferência Episcopal e de confirmada pela Congregação dos Sacramentos e do Culto Divino, foi concluída e já está a ser distribuída a 1.^a edição portuguesa integral da *Liturgia das Horas*.

Como se referiu no 1.^o número deste Boletim, a apresentação portuguesa da *Liturgia das Horas*, foi estudada de modo a formar um só volume. Este volume é formado por uma parte central, permanente, e por 14 cadernos, amovíveis, que se colocam lateralmente em dispositivo apropriado da encadernação.

O volume central contém o Saltério das quatro semanas, os Comuns e os Hinos. Os cadernos destinam-se aos Offícios próprios e às leituras bíblicas e patrísticas ou eclesiásticas.

A propriedade deste texto litúrgico é da Conferência Episcopal, que tem na Comissão Episcopal de Liturgia o seu órgão orientador e executivo, e a edição é da Editorial Franciscana de Braga, que se abalçou a esta obra por sugestão e sob a permanente orientação do Secretariado Nacional de Liturgia.

Reproduzimos as palavras de *apresentação* que introduzem esta edição da Liturgia das Horas e que são do Sr. D. João Alves, Bispo de Coimbra e Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia:

«Aparece, finalmente, em primeira edição portuguesa, a Liturgia das Horas, renovada pelo Concílio Vaticano II.

Oração da comunidade cristã, porque é a própria voz de Cristo ressoando na voz da Igreja, a Liturgia das Horas exprime-se, na sua maior parte, nos textos da Sagrada Escritura, particularmente nos Salmos. Mas faz-nos escutar também leituras que testemunham a fé da tradição cristã, e encontra ainda, nos hinos de todos os tempos, expressões variadas dessa mesma fé.

É intenção do Concílio, na continuação de toda a tradição anterior, que a Liturgia das Horas no todo ou em parte, particularmente nas duas Horas do princípio e do fim do dia, Laudes e Vésperas, sejam oração de todo o Povo de Deus, sobretudo quando reunido em assembleia de oração, e não apenas dos padres e dos religiosos.

Fazemos votos por que a uma renovada maneira de orar corresponda novo espírito de oração, de sorte que «a voz concorde com o espírito» e que a fé do coração se exprima na vida e seja proclamada nos lábios de todos os que são aviventados pelo mesmo Espírito de Jesus Cristo».